

EXPERIÊNCIAS INICIAIS DOCENTES SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Jéssica Inácio Soares
Dra. Tatiana Sant'anna

RESUMO

A formação inicial dialoga com práticas ressignificadas e as quais são capazes de habilitar o ser professor ao exercício da docência. Nesse sentido, as discussões empreendidas neste relato de experiência foram vivenciadas pelos residentes atuantes na escola municipal CEAI, na cidade de Campina Grande, em turmas de 7º e 9º ano. O contato com a sala de aula proporcionou diversas reflexões frente ao saber docente que estamos construindo no programa de Residência Pedagógica em se tratando da abordagem do ensino de leitura. Ancorados na perspectiva de Orlandi (2003), Possenti (1996), Geraldi (1984) e Mantoan (2015) dialogamos sobre a necessidade de um ensino de aproximação e capaz de dialogar com os contextos sociais nos quais nossos alunos estão inseridos.

Palavras-chave: formação; leitura; prática; reflexão.

INTRODUÇÃO

O programa Residência Pedagógica, cota 2022-2024, constitui-se como um espaço acadêmico capaz de formar professores, por meio da prática, para o exercício da docência. Nesse sentido, as experiências do presente relato fazem menção a nossa atuação inicial na escola CEAI – Dr. João Pereira de Assis, localizada na cidade de Campina Grande, na Paraíba, entre o período de Novembro de 2022 a Abril de 2023, com ênfase no trabalho desenvolvido com as turmas do 7º e 9º ano. O trabalho desenvolvido com as supracitadas turmas foi planejado antes do início do ano letivo de 2023 e esse momento foi fundamental para que pudéssemos entender, com auxílio da professora preceptora, o funcionamento e a organização da escola, pois esse conhecimento nos auxiliou na elaboração de sequências didáticas que dialogassem com a realidade de tais estudantes.

Sendo assim, entre os meses de Dezembro e Janeiro, após uma sucinta visita de observação às turmas, iniciamos a elaboração dos nossos planos de aula. Vale salientar que essa etapa foi basilar para que ganhássemos confiança ao planificar uma aula, haja vista que, a partir do direcionamento das professoras orientadoras, foi nos dada a possibilidade de replanejar as ações e adaptá-las de uma forma mais coerente e a qual fosse capaz de fomentar a melhor construção do nosso saber docente.

Nesse viés, a primeira etapa pautou-se na construção das sequências didáticas que seriam utilizadas no trabalho com as turmas. O desenvolvimento desses planos de aulas, ao

serem inseridos no chão da escola, nos fizeram entender que entre teoria e prática existe um linha tênue e para a qual devemos nos manter sempre sensíveis e atentos, pois, em alguns momentos, o plano traçado e idealizado, precisará sofrer alterações a fim de que atenda a realidade da turma, logo, não são norteadores fixos e estáveis e possuem caráter flexível, pois, conforme destaca Orlandi (2003), a aula precisa ser encarada como um acontecimento, ou seja, como um evento único e particular, o qual exige do professor replanejamento diário e a habilidade de alinhar desafios e possibilidades em sua execução didática.

Outrossim, através das formações oferecidas pelo programa, percebemos a necessidade de revestirmos nossas aulas de identidade e estabelecer uma ruptura com as teorias tradicionais de forma a ressignificar o contato entre discente, docente e conteúdo. Nesse viés, a leitura de alguns textos foram basilares para orientar nossos planos estratégicos de aula, como a obra de Mantoan (2015) a qual discorre sobre a importância de um ensino capaz de incluir todos os discentes, se adaptando, assim, às várias realidades e recriando o modelo educativo.

Selecionamos algumas vivências que foram relevantes nessa etapa inicial de Residência Pedagógica a fim de relatar como elas foram necessárias para nossa formação inicial enquanto futuros professores de língua materna. Ademais, os recortes realizados para o presente relato dialogam com a perspectiva teórica de um ensino de língua portuguesa de forma ressignificada e transformadora.

DESENVOLVIMENTO

É sabido que, para atuar em uma sala de aula, precisamos adquirir algumas habilidades que ultrapassam os fenômenos teóricos e se alinham às práticas do dia a dia, no entanto, esse fator não exclui a necessidade de estarmos em constante diálogo com as vertentes educacionais teóricas. Por este motivo, nossos primeiros encontros, enquanto residentes de Língua Portuguesa, pautaram-se em desenvolver nossa formação inicial a partir da leitura de textos norteadores e formações com os professores atuantes do projeto. Do ponto de vista teórico, durante as nossas discussões, saliento, em especial, uma formação que tivemos relacionada a prática de educação inclusiva, haja vista que, ao irmos para as salas de aula, nos deparamos com alguns estudantes portadores de autismo e TDAH os quais exigiam de nós uma postura profissional adaptada a fim de inseri-los na sala de aula.

Particularidades como essas, nos fizeram entender que precisávamos adquirir a responsabilidade profissional de traçar ajustes ao plano de aula com o objetivo de incluir

todos os discentes às discussões, como, por exemplo, na sala do 9º ano da escola de atuação, ao nos depararmos com um aluno que, por possuir algumas necessidades específicas, necessitava de um cuidador o qual mediava suas relações com a aula. Tendo em vista essa realidade, procuramos inserir esse adolescente nas nossas discussões, nos aproximando da cuidadora e da professora titular para entendermos como poderíamos melhor adaptar nosso planejamento frente às necessidade dele, fomentando, assim, a um melhor rendimento em sala.

Nesses momentos, refletir sobre a necessidade de um ensino inclusivo, nos fizeram rememorar alguns conceitos de Mantoan (2015) e os quais foram abordados em algumas de nossas formações. De acordo com a autora, é preciso pensar em um modelo educativo que seja capaz de não excluir nenhum estudante e o qual instigue a participação e autonomia de todos. No entanto, apesar de já existirem leis que asseguram esse direito, o professor ocupa um papel decisivo nessa inclusão, haja vista que cabe a ele reinventar suas práticas de forma a assegurar os mesmos direitos. Para além dos fatores inclusivos mencionados, do ponto de vista prático, destaco, em especial, algumas considerações empreendidas frente ao ensino de leitura

O contato em sala de aula me fez perceber a forma como os alunos, erroneamente, têm associado a prática de leitura a uma atividade cansativa e a qual se restringe apenas a leituras literárias. Na primeira aula que tivemos com a turma do 9º ano, levamos o conto “A árvore confusa” a fim de trabalharmos a temática de identidade e valores, visto que o texto discorre sobre cultivar bons sentimentos. Nesse encontro, antes de qualquer leitura, questionamos os estudantes quanto ao hábito de ler para saber se eles possuíam e gostavam de tal prática e as respostas nos surpreenderam, pois alguns alunos mencionaram frases como: “eu não leio nada”, “eu não gosto de ler literatura, pois é cansativo”, “não possuo este hábito”. A partir dessas falas, refletimos com a turma sobre o conceito de leitura, haja vista que pretendíamos mostrá-los que o hábito de ler não se restringe somente ao meio literário, mas, em detrimento, está intrínseco às próprias relações humanas como no uso das redes sociais, na leitura de posteres de instagram, de instruções de um jogo e em entre outros momentos com os quais o estudante tenha contato, sendo assim, o hábito de ler fazia parte do cotidiano desses alunos e eles precisavam se conscientizar quanto a isso. Nosso objetivo era fazê-los compreender que a prática de leitura é muito mais ampla do que podemos imaginar. Partindo dessa noção, buscamos estratégias de leitura que se aproximassem dos pontos de interesse dos alunos e selecionamos textos condizentes com suas faixas etárias de modo a estimular o interesse pela leitura.

Tal aspecto me fez refletir sobre a importância do incentivo à leitura e o papel fundamental do professor na mediação desse processo. Diante do exposto, vale salientar a experiência que tivemos no 2º encontro com a turma de 9º ano no trabalho com o gênero conto. Enquanto elaborávamos a sequência didática, sentíamos a necessidade de inserir na turma temas relevantes e que fizessem sentido para eles a fim de que as aulas de leitura se tornassem mais prazerosas. Havia, por parte da dupla de residentes, a necessidade de fugirmos de temas infantis, apesar de estarmos trabalhando com o gênero conto, e apresentá-lo de forma mais instigativa e atraente possibilitando aos discentes o diálogo e, sucessivamente, permitir que eles ocupassem o centro das reflexões que pretendíamos empreender. Sendo assim, levamos para a sala de aula o conto “A moça Tecelã”, da autora Marina Colasanti e, antes de realizarmos a leitura, instigamos a curiosidade dos alunos sobre os possíveis temas que poderiam se apresentar na narrativa selecionada. Destaco, de forma sucinta, que o conto apresentava, em seu enredo, o papel da mulher na sociedade frente ao machismo enviesado nas relações matrimoniais e, através da figura feminina, ressignifica os papéis desempenhados pela mulher.

Essa narrativa possibilitou espaço ao compartilhamento de vivências por parte da turma, em especial do público feminino e, nesse dia, as discussões sobre o assunto se contornaram durante uma aula, onde não somente ensinamos, mas também ouvimos e aprendemos. A partir desse texto, trouxemos nas aulas seguintes a análise linguística de forma contextualizada a fim de que os nossos alunos observassem no texto os conteúdos que pretendíamos expor e dialogamos, assim, com a perspectiva de Geraldi (1984) ao propor um ensino de gramática contextualizado e o qual tenha o texto como ponto de partida. Dessa forma, após a explanação do texto, utilizamos algumas orações do próprio material discutido para dialogar sobre os tipos de predicativos, conforme apresento a seguir.

ORACÕES SELECIONADAS DO CONTO	
AULA SOBRE PREDICATIVOS	
ESCOLA: EMEF CEAI DR. JOÃO PEREIRA DE ASSIS	
PRECEPTORA: ANA CLÁUDIA SOARES PINTO	
RESIDENTES: JÉSSICA SOARES E MÁRCIO TULIO	
SÉRIE: 9º ANO	
1. “Ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha ...”	Sozinha (Predicado) – Caracterização
2. “a moça colocava na lançadeira grossos fios ...”	Grossos fios (Predicado do objeto) – Caracterização
3. “ele viu seus pés desaparecendo ...”	Desaparecendo (Predicado do objeto) – Caracterização
4. “Ela já desfazia o desenho escuro ”	Escuro (Predicado do objeto) – Caracterização

Esse contato inicial com a prática de leitura, além de desenvolver nos alunos o interesse pela literatura, construiu uma ponte entre residentes e discentes, pois os mesmos passaram a nos enxergar de forma mais próxima e encarar os momentos de aula como algo prazeroso e com o qual eles poderiam se identificar e fazer relações com o mundo, isto é, a aula de leitura não precisaria, necessariamente, tratar de aspectos que estivessem longe do nosso alunado, pois, em detrimento, poderia dialogar com questões inerentes às suas vivências, conforme destaca Possenti (1996), ao reafirmar a necessidade de um ensino capaz de se aproximar da realidade na qual os discentes estão inseridos. Logo, ao traçarmos esse viés de trazer para nossas aulas temáticas vivas e atuais para os discentes, observamos os impactos positivos como a participação e o envolvimento dos alunos em leituras coletivas e comentários relacionados às aulas, despertando-lhes interesse pelo momento. Essa reflexão me é reforçada ao lembrar de alguns comentários positivos que ouvíamos dos alunos ao passarmos nos corredores e também em sala de aula, a exemplo de “você irão para nossa sala hoje?”, “qual o conto de hoje?”, “esse conto é muito atual”, “posso ler o primeiro parágrafo?”. Falas como essas nos faziam entender que estávamos no caminho certo e nos alinhando a uma prática de leitura prazerosa e colaborativa a partir do engajamento do nosso alunado. Nas turmas do 7º ano, percebíamos a necessidade de aulas que apresentassem temáticas mais envolventes e às quais fossem capazes de inverter a flecha do conhecimento (ORLANDI, 2003), ou seja, inserir o aluno para o centro das discussões.

Nesse viés, lembro-me que na primeira aula que pude acompanhar nessa turma, foi-se levado para os discentes uma reportagem sobre o perigo do uso excessivo das redes sociais, no entanto, percebemos o desinteresse da turma pelo tema, apesar de se tratar de algo que eles utilizavam. A aula aconteceu de forma muito monótona e sem participação dos educandos, fato este que chamou-me atenção e despertou-me a necessidade de modificarmos nossos planos estratégicos.

Sendo assim, em conjunto com as outras residentes, percebemos que os alunos possuíam interesse pela temática de “blogueiros” e “tik tok” e, nos aproveitando dessas temáticas, trouxemos para sala uma reportagem visual ¹ sobre uma blogueira famosa e bastante conhecida pelos alunos e esse momento resultou em uma maior atenção por parte dos estudantes, os quais assistiram a reportagem e, ao final, exploraram alguns aspectos interessantes que haviam observado.

Em outro momento, levamos para sala uma reportagem sobre o fenômeno do Tik Tok², uma plataforma digital de vídeos curtos muito usual entre os jovens e mais uma vez pudemos perceber o quanto eles sentiam-se mais engajados quando partíamos de temáticas

que lhes despertavam a atenção. Entretanto, é válido salientar que a nossa atuação enquanto professores residentes da turma de 7º ano, ocorreu de forma muito inexperiente, pois não havia, por parte do grupo, segurança em gerir a aula e atuar de forma mais espontânea, nos revestindo, dessa forma, da postura de um professor, habilidade esta que sabemos que somente a prática será capaz de formar.

No entanto, o contato com essas turmas menores me fizeram enxergar que as aulas precisam partir de um ponto em comum com o aluno, haja vista que essa estratégia será capaz de nos auxiliar na condução de nossas ações didáticas. Em se tratando de nossa atuação inicial nas turmas de 7º ano, destaco que, após observações realizadas pelas professores atuantes do projeto, tivemos a oportunidade de alinhar algumas estratégias capazes de melhorar o nosso desempenho em sala e as mesmas foram aplicadas na condução dos últimos encontros e estarão sendo colocadas em prática na próxima parte da nossa atuação residente.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, notamos que o ensino de Língua Portuguesa, principalmente no eixo da leitura, precisa ser constantemente repensado, em sala de aula, a fim de cultivar nos discentes o interesse pela prática e, para isso, enxerga-se a necessidade de um professor atento aos interesses e as particularidades das turmas, pois somente dessa forma conseguirá alinhar seu plano de aula a pontos em comuns com seus alunos, despertando, assim, o interesse da turma.

Outrossim, frente a pluralidade existente na sala de aula, as reflexões advindas dessa primeira etapa, apontam para a importância de recriarmos o modelo educativo (MANTOAN, 2015), de forma a contemplar as diferenças dos educandos e promover um ensino inclusivo e capaz de atender as diversas particularidades que compõe a sala de aula. Nessa recriação, emergem as possibilidades de adaptar planos estratégicos sempre que houver necessidade, pois a aula não acontece de forma linear e por vezes distancia-se do que foi roteirizado em nosso plano. Logo, há a necessidade de sermos professores atentos e nos reinventarmos.

Dessa forma, destaco que os momentos vivenciados nessa primeira etapa da residência, que vão desde as formações teóricas até a atuação em sala, foram essenciais para minha preparação como futura professora de língua. Mesmo sendo uma aluna do sétimo período e sabendo que essa jornada está apenas iniciando, sinto-me extremamente grata com o crescimento que essa construção me trouxe. Hoje compreendo com um pouco mais de

propriedade alguns dos desafios que estão inseridos no cotidiano escolar e as políticas educacionais regionais e nacionais que norteiam a nossa educação, além da diferença que um ensino humanizador e reflexivo pode proporcionar em uma comunidade escolar. Encerro essa etapa com uma certeza: a habilidade da docência é construída na prática, mas antes, precisa ser firmada sob um alicerce sólido e teórico e o qual seja capaz de construir nosso ser professor.

Diante da execução das diversas atividades propostas, percebo que as contribuições da Residência Pedagógica para a nossa formação docente são de total relevância ao levarmos em consideração o primeiro contato que este programa propicia entre professor em formação e alunado, haja vista que por meio dele já visualizamos as nuances do que pode vir a ser a docência a partir do contato prático com a elaboração de aulas, desde o planejamento das primeiras sequências didáticas, até a execução dos planos didatizados no chão das salas de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, J.W. (org.). O texto na sala de aula: leitura & produção. Cascavel: Assoeste, 1984